

LIÇÕES DE HISTÓRIA DO CONGREGACIONALISMO BRASILEIRO

Vanderli Lima Carreiro
compilador

NOTA EXPLICATIVA

Desde 1974 temos tido a oportunidade de ministrar aulas, vez por outra, de História Denominacional. Naquele tempo não tinham sido ainda publicadas as duas obras gerais sobre o congregacionalismo brasileiro: *Congregacionalismo brasileiro - fundamentos históricos e doutrinários*, da autoria do Rev. Manoel da Silveira Porto Filho, e *O Congregacionalismo no Brasil - fatos e feitos históricos*, da lavra do Rev. Salustiano Pereira César, que só vieram a lume em 1983.

Necessitando de texto básico para os alunos estudarem, saímos a campo à procura de algum. Encontramos uma revista da Escola Dominical, publicada para o terceiro trimestre de 1965, com lições de História do Congregacionalismo Brasileiro, escritas pelo Rev. Manoel da Silveira Porto Filho. Apostilamos as lições e as utilizamos como material básico das aulas.

Mesmo depois de publicadas as obras acima referidas, continuamos a usar as apostilas, porque constatamos que contêm informações que aquelas obras não incluem. Nenhuma delas se ocupa só com informações e fatos históricos.

Além disso, víamos a necessidade de acrescentar a história de mais anos do Congregacionalismo brasileiro, já que ambos os livros disponíveis só trazem a história até próximo da data em que foram escritos. Já temos mais de uma década sem registro histórico organizado. A fonte que dispúnhamos era *O Cristão*. Com a colaboração do Prof. Domingos Pessoa da Silva Oliveira selecionamos alguns artigos publicados naquele jornal e acrescentamos à apostila que já fazíamos circular, o que resultou neste caderno que intitulamos de *Lições de História do Congregacionalismo Brasileiro*. Ao fim de cada ca-

pítulo acrescentamos as "questões para estudo", com o objetivo de facilitar ao estudante a apreensão dos fatos históricos.

Nossa gratidão ao Prof. Domingos pela ajuda na coleta do material publicado em nosso jornal denominacional e aos alunos do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro por nos estimularem a organizar e publicar este caderno.

Vanderli Lima Carreiro

1

PRECURSORES DA EVANGELIZAÇÃO NO BRASIL

Antes do Dr. Kalley, várias tentativas de evangelização foram feitas no Brasil, sem resultado de continuidade. Vejamos as várias referências que se encontram a trabalhos e atividades evangélicas antes da chegada do doutor e do estabelecimento da Escola Dominical de Petrópolis e da Igreja Evangélica Fluminense, a quem aquela escola passou a pertencer.

1. HANS STADEN, O PRISIONEIRO DOS TUPINAMBÁS (1549-1555)

A primeira referência ao Evangelho no Brasil, não embora ligada à obra de evangelização e catequese, está relacionada com o nome de Hans Staden, viajante e aventureiro alemão, que serviu de artileiro em Bertioga, São Paulo, e que, indo em procura de algum criado que fora caçar, caiu prisioneiro dos selvagens. Rodeado de seus captores, que o ameaçavam devorar, o prisioneiro, em grande aflição, entoou o Salmo 130: “Das profundezas a Ti clamo, ó Senhor”, preparado e musicado por Martinho Lutero e que se encontra, não com a mesma música, em *Salmos e Hinos*.

Outros hinos que também cantou, a pedido e mesmo sob intimação dos selvagens, grandes apreciadores da música, assim como recitativos de salmos e trechos bíblicos e orações em voz alta, impressionaram grandemente os tupinambás, e Hans teve a oportunidade de lhes falar a respeito de Deus. Supersticiosos e atemorizados, os selvagens pouparam-lhe a vida e permitiram que continuasse a viver entre eles. Em 1554 pode escapar para a Europa e lá publicou, em 1557, o seu livro de viagens, no qual nos conta a história de sua prisão. Esse episódio é, porém, inteiramente circunstancial, não tendo nenhum objetivo evangelizante. Mas foi, talvez, a primeira vez em que a um auditório atento de naturais da terra um protestante falou de Deus e de sua religião, cantando-lhes os hinos de sua igreja.

2. OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO (1557-1567)

No mesmo tempo em que Hans Staden chegava à Europa (1555), de lá partia a expedição de Nicolau Durand de Villegaignon, que havia interessado em sua aventura grandes personagens, como o rei Henrique II e o almirante Gaspar de Coligny, líder dos huguenotes franceses. O rei ficou entusiasmado com a idéia de adquirir colônias no Novo Mundo e o almirante interessou-se pelo fato de aqui se estabelecer um refúgio para os seus correligionários, então sob terríveis perseguições religiosas.

Villegaignon chegou à baía de Guanabara, desembarcando primeiro na ilha onde está a fortaleza de Lage e, depois, na ilha de Sirigipe, mais tarde chamada de Villegaignon, onde agora está a Escola Naval, no Rio de Janeiro. Ali fundou um forte a que deu o nome de Coligny, em honra ao seu protetor.

Dois anos mais tarde, em resposta a seu pedido de artesãos e pessoas instruídas na religião cristã, as autoridades competentes e a Igreja Reformada de Genebra, dirigida por João Calvino, enviaram um numeroso grupo para o trabalho de colonização e catequese. Entre os recém chegados estavam dois pastores genebrinos: Pedro Richier e Guilherme Chartier e vários correligionários, entre eles o jovem

estudante para o ministério, João Lèry, que vinte anos mais tarde publicaria uma obra famosa denominada *Viagem à terra do Brasil*, além de muitos católicos.

Aportando no Rio de Janeiro no dia 10 de março de 1557, a comitiva rendeu graças a Deus pela viagem e naquele mesmo dia Villegaignon, reunindo sua gente, providenciou a realização de um culto, numa pequena sala construída no meio da ilha. Foi esse o primeiro culto evangélico realizado no Brasil. Dirigiu-o o pastor Pedro Richier, tomando como base de seu sermão o texto de Salmo 27.4. Antes do sermão os fiéis cantaram, em coro uníssono congregacional, como era costume na época, o Salmo 55, com melodia de Luiz Burgeois, e cuja versão, com música cantada na ocasião, faz parte da edição revisada e aumentada de *Salmos e Hinos*.

A tentativa dos franceses não surtiu efeito. Villegaignon apostatou da fé e cedo promoveu feroz perseguição aos evangélicos. Estes ainda puderam escapar, retirando-se para a Europa, mas como o navio fizesse água a 18 léguas da costa e fosse escassa a provisão de boca, foi indispensável diminuir-se o número de passageiros. Cinco huguenotes tiveram que retroceder numa chalupa. Eram eles: Pedro Bourdon, João de Bourdel, Mateus Verneuil, André Lafin e Tiago (Jaques) le Balleur.

Recebendo-os com fingida benevolência, Villegaignon logo depois os prendeu sob a alegação de serem espiões. Na prisão os prisioneiros redigiram a sua Confissão de Fé, a primeira a ser escrita no Brasil e logo selada com o sangue de mártires. André Lafin teve a vida poupada, por ser o único alfaiate da colônia e se haver retratado, deixando de assinar a confissão. Mas João de Bourdel, Mateus Verneuil e Pedro Bourdon morreram às mãos do carrasco, como os primeiros mártires do Evangelho no Brasil (9 de fevereiro de 1558).

Quanto a Jaques le Balleur, o quinto prisioneiro, conseguira escapar numa canoa de tamoios para Bertioga e São Vicente, vindo mais tarde a ser preso e enviado para a Bahia. Dali o trouxe Mem de Sá em sua comitiva, quando veio para expulsar os franceses. Le Balleur, que já tinha sido condenado à morte em Salvador, onde passara oito anos enclausurado e sempre testemunhando de sua fé, morreu enforcado no Rio de Janeiro, tendo funcionado como ajudante do carrasco o padre José de Anchieta (1567).

Além dos três primeiros mártires e de le Balleur, a “Informação do Brasil”, escrita por José de Anchieta, dá-nos conta de que *já se queimou na Bahia um francês herege* (antes de 1575). Cinco são, assim, com esse quinto huguenote anônimo, os heróicos calvinistas franceses e genebrinos que selaram com suas vidas e com seu sangue o testemunho do evangelho na infância do nosso país.

3. OS HOLANDESES EM PERNAMBUCO E PARAÍBA (1630-1654)

Duas vezes os holandeses invadiram o Brasil. A primeira em 1624, na Bahia, na qual pouco se demoraram. A segunda vez, em Pernambuco, em que permaneceram de 1630 a 1654. Nada se sabe a respeito de atividades evangélicas no primeiro período. Em 1630, na segunda invasão, a 14 de fevereiro, ainda à vista da terra, o capitão da frota mandou serem realizadas preces em todos os navios, tendo o capelão, pastor João Baers, celebrado um culto no navio da capitania, com pregação, hinos e orações. O sermão baseou-se em Êxodo 17.8-14, tendo a congregação entoado, antes e depois da pregação, o Salmo 140.

Depois do desembarque e da tomada de Olinda, consumada a vitória, foi realizado um culto de ação de graças da Casa da Câmara, improvisada em capela, e outras solenidades religiosas se seguiram a essa.

Estabelecidos na terra, os holandeses fizeram vir da Holanda vários pastores da Igreja Reformada, que se dedicaram logo, com abnegação e afinco, à cristianização do Nordeste. Havendo aprendido a língua tupi, e sem prejuízo do trabalho pastoral do seu rebanho, esforçaram-se pela difusão da crença evangélica entre os indígenas, portugueses e negros. Adaptaram-se os templos católicos ao culto reformado. Além da Igreja holandesa, Recife possuiu também a dos ingleses e dos franceses, estes tendo

um templo especialmente construído para eles, com o auxílio de oito mil florins, doados pelo Conselho dos Dezenove e por Maurício de Nassau, governador holandês de Pernambuco. Criaram-se escolas para os silvícolas, dirigidas pelos ministros evangélicos. Mandou-se imprimir na metrópole catecismo nas três línguas: holandesa, portuguesa e tupi. E procedeu-se mesmo a uma tradução das Escrituras na língua brasílica.

Vários índios se converteram e tornaram-se fervorosos crentes reformados. O jesuíta André de Barros dá este testemunho: "...estavam índios tão calvinistas e luteranos como se nasceram na Inglaterra ou Alemanha".

Os costumes soltos do povo anteriores à invasão foram sofreados pela enérgica e segura orientação da Igreja e dos governadores. O adultério, a prostituição, a violação do domingo, a poligamia, duelos, assassinatos, a condição inferior do negro e do judeu foram assuntos que mereceram estudos e firmes decisões, que vieram a melhorar consideravelmente o nível moral da sociedade. A par disso, os holandeses se caracterizaram pela tolerância religiosa. O vigário geral, Gaspar Ferreira, em carta ao bispo da Bahia, escreveu: "Nossa religião católica romana é aqui permitida como dantes e só nos faltam o esplendor dos templos, que a guerra consumiu, e os frades, que a imprudência de alguns fez desterrar deste Estado. Eu administro meu cargo de vigário geral publicamente".

Infelizmente, após a retirada dos holandeses, em 1654, regressando os pastores para a Europa, os templos de Olinda e Recife foram transformados em igrejas católicas romanas e os jesuítas, esforçando-se para anular a obra cristianizante levada a efeito pelos reformados, muito pouca coisa restou da obra dos holandeses.

4. OS ANGLICANOS

Em 1810 um tratado entre Portugal e Inglaterra permitiu aos súditos britânicos plena liberdade de consciência e culto nos domínios e territórios portugueses, assim como de construírem capelas que não tivessem aparência de templos nem usassem sinos.

Os primeiros cultos anglicanos foram realizados, nesse mesmo ano, a bordo dos navios ancorados no porto do Rio de Janeiro e na residência do ministro e de outros particulares, destinando-se exclusivamente aos ingleses residentes no país ou em trânsito. Era proibida a catequese a outras pessoas. E os serviços eram somente em inglês. E assim continuou, mesmo depois de lançar-se a pedra fundamental do templo anglicano, cujas obras terminaram em 1820 e cuja consagração só se realizou em 1869.

O templo dos ingleses, o mais antigo templo protestante da antiga capital do país (Rio de Janeiro), ficava situado na Rua Evaristo da Veiga (antigamente Rua dos Bourbons), à pequena distância da atual Av. 13 de Maio. Mais tarde, já em nossos dias, por motivo de obras urbanísticas do Rio, a Igreja Anglicana teve de mudar-se de local, para o atual templo de Botafogo, onde cultos continuam sendo realizados em inglês.

5. OS LUTERANOS (1824)

A Constituição do Império estendeu, em 1824, às demais Igrejas a tolerância observada em relação aos ingleses. Os alemães, cuja imigração para o Brasil começara naquele ano, estavam sem assistência pastoral. Pedro II chegou a subvencionar um pequeno grupo de pastores; que eram insuficientes para ministrar aos diversos grupos de colonos.

O grupo alemão que se estabeleceu em Nova Friburgo-RJ fundou imediatamente uma igreja (3 de maio de 1824). No mesmo ano chegava o segundo grupo de imigrantes teutos a São Leopoldo - RS, logo seguido por outro, que realizou em novembro daquele ano o primeiro culto evangélico no sul do país.

Dois anos mais tarde, em 1826, estabeleceu-se a segunda comunidade alemã em Itaqui. Seguiram-se, em organização, os trabalhos de Campo Bom (1828), e Hamburgo Velho (1845).

De São Leopoldo o trabalho se irradiou para outras cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No Rio foi organizada a primeira Igreja Luterana em 1837; em Petrópolis os trabalhos eclesiais regulares começaram em 1845; logo depois vieram os de São Paulo, Juiz de Fora, Teófilo Otoni, Campinas, Piracicaba, Santo Amaro e outras cidades paulistas, Vitória, do Espírito Santo, e outras localidades do Estado.

6. OS METODISTAS (1835-1841)

Em 1836 veio ao Brasil o Rev. Fountain E. Pitts, enviado pela Junta de Missões Mundiais da Igreja Metodista dos Estados Unidos para estudar as possibilidades missionárias da América do Sul, particularmente no Brasil e Argentina. Ficou bem impressionado e, no ano seguinte, chegou ao Rio de Janeiro o Rev. Justin Spaulding, que organizou na Rua do Catete uma congregação com quarenta estrangeiros e uma Escola Dominical com trinta alunos, entre os quais algumas crianças brasileiras, que recebiam instrução em português.

Em 1837, para auxiliar o Rev. Spaulding, vieram o Rev. Daniel Kidder, sua esposa e um casal de professores. Kidder era também correspondente da Sociedade Americana; permaneceu algum tempo no Rio e viajou por outros pontos do país. Escreveu um livro muito interessante de suas viagens, com preciosas observações sobre o país. Regressou em 1840 aos Estados Unidos e, no ano seguinte, por dificuldades financeiras da Junta de Missões, regressou também o Rev. Spaulding, encerrando-se, assim, a primeira fase do Metodismo brasileiro.

De 1851 a 1865 trabalhou no Brasil como secretário da Legação Americana, o Rev. James C. Fletcher, que, ao lado de suas funções diplomáticas, tinha também atividades missionárias. Serviu também à Sociedade Bíblica Americana, viajando pelo Rio, São Paulo, Campinas, norte e sul do país. Associou-se em 1854 a Kidder para publicação do livro deste, ampliado com suas próprias observações, do que resultou um novo volume denominado *O Brasil e os brasileiros*, do qual se fez uma versão portuguesa em 1941. Fletcher teve seu principal trabalho como capelão dos marinheiros ingleses e americanos no porto do Rio de Janeiro, realizando cultos dominicais a bordo dos navios. Visitava previamente os marinheiros e oficiais em suas unidades às sextas-feiras. No mastro principal do navio escolhido para local do culto do domingo próximo era desfraldada uma flâmula, convocadora para o serviço religioso daquele dia.

Kidder não cria, de suas observações entre o povo, que o Brasil estivesse preparado para os métodos habituais de evangelização anglo-saxônica e dedicou-se, principalmente, ao trabalho de distribuição das Escrituras, no que foi seguido por Fletcher. Coube, em 1855, ao Dr. Kalley, contrariando os prognósticos de Kidder, inaugurar no Brasil um trabalho estável e permanente de evangelização em português.

2

DR. KALLEY – O PIONEIRO DO TRABALHO PERMANENTE

1. DR. KALLEY E SUA CONVERSÃO

Robert Reid Kalley era escocês, da cidade de Glasgow, onde nasceu em 1809. Formou-se em Cirurgia e Farmácia e depois em Medicina (1829 e 1838). Era ateu, a princípio, mas o bom testemunho de uma cliente levou-o a interessar-se pelo estudo das Escrituras, particularmente as profecias. Reconheceu quantas delas já se haviam cumprido na história dos judeus e do mundo, e esse reconhecimento levou-o a aceitar as evidências bíblicas e as verdades das Escrituras, conduzindo-o à conversão.

Permaneceu ainda mais três anos na clínica em que servia, agora não somente como médico, mas também procurando, como cristão, assistir às necessidades de seus clientes.

Decidiu consagrar-se à pregação do Evangelho em outras terras. Em 1837 preparava-se para servir na China, sob o patrocínio da Sociedade Missionária de Londres, quando teve de mudar seus planos. A saúde de sua esposa, dona Margareth, exigia clima especial e a Ilha da Madeira, pertencente a Portugal, oferecia as condições ideais para ela. Em outubro do ano seguinte o casal partiu para a Ilha da Madeira.

2. A EPOPÉIA DO EVANGELHO NA ILHA DA MADEIRA

O trabalho do Dr. Kalley começou com escolas diárias, e um pequeno hospital dois anos mais tarde (1840). Mais de 2.000 pessoas aprenderam a ler durante os seis anos em que as escolas puderam funcionar. No hospital e no consultório, onde perto de oitenta pessoas eram por ele atendidas diariamente, a todos falava do Evangelho e em cada receita que recebiam havia passagens das Escrituras. Para atuar como médico, nesse serviço, ao mesmo tempo que exercer plenas atividades espirituais, tivera que ir a Londres e ali ser ordenado ao santo ministério, em 8 de julho de 1839.

Vendo o progresso da obra do Dr. Kalley, o clero começou, embora de modo amigável, a por obstáculos ao seu trabalho. O bispo, que era um dos clientes do Dr. Kalley, pediu-lhe que não continuasse as reuniões religiosas. Mas o povo, sabedor dessa ordem, fez uma grande demonstração de gratidão ao seu benfeitor, assim como algumas câmaras municipais, que lhe significaram seu reconhecimento pela assistência médica que bondosamente distribuía. As reuniões puderam continuar.

As conversões aumentavam. Algumas congregações se formaram. E nessa época o Dr. começou a escrever os primeiros hinos em português. O primeiro deles foi “Louvemos todos ao Pai do Céu”, que aparece sob o número 45 em *Salmos e Hinos*. Escreveu-o no verão de 1842 e pela primeira vez foi cantado pela congregação em Porto da Cruz, no dia 17 de julho do mesmo ano. Outros se lhe seguiram, como “Bom e fiel Pastor”, “As gentes que na terra estão”, “Alma escuta o bom Senhor” e mais alguns que, cinco anos mais tarde, foram publicados numa brochura de 16 páginas, ao lado de outras composições do Rev. John Law e Rev. H. Hewitson, editor da obra.

Grande número de pessoas vinham de várias partes da ilha para assistir às pregações e muitas reuniões eram feitas ao ar livre, nas montanhas da ilha.

Em 1843 recomeçaram as atitudes contrárias do clero. E a perseguição, agora mais feroz, estendeu sua mão sobre o rebanho. Uma crente, Maria Joaquina Alves, em 31 de janeiro foi levada para a cadeia de Funchal, acusada de heresia, blasfêmia e apostasia. Em maio foi condenada à morte, mas apelou para o Supremo Tribunal de Lisboa. O Dr. também não escapou. Foi igualmente acusado e permaneceu preso durante cinco meses em Funchal, até que o Tribunal de Relações de Lisboa decidiu em seu favor e ele pode voltar à liberdade. Os cultos continuaram, mas a perseguição também continuou. Muitos crentes foram presos e maltratados por sua fé.

Na madrugada de 9 de janeiro de 1844, o Dr. Kalley, achando perigoso permanecer em casa, teve de disfarçar-se em camponês e abrigar-se na quinta dos Pinheiros, enquanto sua esposa e outros parentes buscavam asilo no consulado britânico. Às onze horas alguns foguetes, subindo ao ar, deram início à caçada dos “hereges”. Uma turbamulta, capitaneada pelo cônego e pelo governador, com soldados e civis armados de tochas, espingardas e varapaus, dirigiu-se à “Santa Luzia”, que era a residência do doutor. Não o encontrando, arrombaram a porta, saquearam a casa e carregaram para a rua móveis, livros e tudo que puderam arrastar, fazendo uma grande pilha a que atearam fogo.

Os crentes, apavorados, fugiram para os montes. A multidão buscava, aos gritos, o doutor para o matar, ameaçando por fogo ao consulado, onde se encontrava dona Margareth Kalley.

Um grupo corajoso, tendo à frente o irmão João Fernandes Dagama e o Sr. Francisco de Souza Jardim (naquele tempo ainda não convertido), rumou para a quinta dos Pinheiros, e conseguiu fazer

com que o Dr. Kalley, disfarçado em uma senhora doente, fosse carregado numa rede através da cidade e da multidão de seguidores e chegasse até à praia, de onde foi transportado para o navio inglês.

Pouco depois a ele reuniu-se dona Margareth e uma criada, assim como a bagagem que havia restado do saque à sua propriedade.

O casal Kalley seguiu com a família para as Antilhas. Em agosto mais de 400 famílias crentes tiveram de abandonar a Ilha da Madeira, em demanda de outras pragas onde pudessem livremente cultivar o seu Deus, no que foram seguidas, nos meses próximos, por mais de 500 irmãos.

3. A VISÃO DO BRASIL

O Dr. Kalley, após sair da Madeira, residiu durante algum tempo no sul da Inglaterra. Esteve depois na Ilha de Malta e dali ele e a senhora foram para Beirute, no Líbano, onde faleceu dona Margareth em 1851.

Junto com outro viajante, o Dr. percorreu várias partes da Palestina e veio, mais tarde, casar-se com a irmã de um jovem seu cliente, em companhia do qual viajara pela Ásia Menor.

Em 1853 o Dr. Kalley e sua segunda esposa, Sarah Poulton Kalley, foram aos Estados Unidos visitar os crentes madeirenses que se encontravam neste país desde 1849.

O clima na Ilha da Trindade, assim como na Antigua e S. Kitts, onde os refugiados se haviam localizado, não era muito propício para eles. Sua situação tocou o coração dos crentes norte-americanos, principalmente os da Sociedade Protestante Americana, que mantinha missionários entre as colônias portuguesas de açorianos que se ocupavam da pesca de baleias, na Nova Inglaterra. O Rev. Manoel G. Gonçalves, um desses missionários, ele mesmo madeirense, foi enviado para Trindade, no que foi depois seguido por outros. Mais tarde puderam estabelecer-se no Estado de Illinois, nas cidades de Springfield e Jacksonville.

Visitando os seus velhos amigos, o Dr. Kalley esteve com eles quase um ano, ensinando em classes bíblicas, e com outros amigos americanos facilitou a muitos crentes que ainda continuavam na Madeira a sua vinda para os Estados Unidos.

Foi durante sua passagem por Nova York que o Dr. Kalley teve ocasião de ver a carta que Fletcher escrevera à Sociedade Bíblica Americana, solicitando alguns dos madeirenses para o trabalho de colportagem e evangelização do Brasil, onde a língua comum lhes facilitaria o serviço.

E ali aconteceu o que experimentara Isaías no templo de Jerusalém. “Quem enviarei eu e quem irá por nós?”, pareceu ouvir o Dr. E ele mesmo, acompanhado de sua esposa, respondeu: “Eis-me aqui, envia-me a mim”.

4. A VINDA PARA O BRASIL

Depois da volta à Inglaterra, em 1854, no ano seguinte o casal veio para o Brasil, chegando no Rio de Janeiro em 10 de maio de 1855. Não encontrando casa conforme desejavam, hospedaram-se no Hotel Pharoux e depois no Hotel dos Estrangeiros, no Catete. Numa visita a Petrópolis, gostaram do local e para ali se mudaram. A ajuda de colonos alemães, protestantes, lhes facilitaria o trabalho evangélico.

Nessa cidade, e na residência do embaixador americano, Sr. Webb, numa propriedade denominada “Gerheim” (lar muito amado), onde eles mesmos viriam a residir, o Dr. Kalley e dona Sarah instalaram, na tarde do dia 19 de agosto de 1855, domingo, uma classe de Escola Dominical, dando ensino aos filhos da Sra. Webb e da Sra. Carpenter. Foi lida e comentada a história do profeta Jonas, cantaram-se hinos e deram graças ao Senhor.

Esse dia marca o início da primeira Escola Dominical em português, que haveria de continuar até hoje, representada que está pela Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense. Havia cin-

co alunos, no princípio. Dois ou três domingos mais tarde, já funcionavam duas classes, destacando a de crianças, dirigida por dona Sarah, e uma outra de adultos, dirigida pelo Doutor.

Diversas cartas escreveu o Dr. Kalley aos irmãos madeirenses refugiados em Springfield, convidando-os a virem trabalhar com ele no Brasil. O Sr. Guilherme D. Pitt foi o primeiro a atender a esse apelo, em dezembro de 1855. Depois dele chegaram Francisco da Gama, com sua mulher, três filhos e uma prima; Francisco de Souza Jardim, com esposa e três filhos, e Manoel Fernandes, com esposa e dois filhos, em 1856. No dia 10 de agosto desse ano o Dr. Kalley visitou os amigos recém-chegados ao Rio e com eles celebrou a Ceia do Senhor.

Com os três madeirenses e o jovem inglês, Guilherme Pitt, começou o trabalho de evangelização no Rio, no morro da Saúde, rua Boa Vista, hoje Conselheiro Zacarias, 52. Intenso trabalho de colportagem era feito por Francisco da Gama e Manoel Fernandes.

Em 8 de novembro de 1857 era batizado em Petrópolis o primeiro fruto do trabalho do Dr. Kalley: José Pereira de Souza Louro, português, e no ano seguinte, a 11 de julho, o primeiro crente brasileiro, Pedro Nolasco de Andrade, no Rio de Janeiro. Neste mesmo dia, 11 de julho de 1858, foi organizada a Igreja Evangélica Fluminense, a princípio chamada simplesmente Igreja Evangélica, nome a que às vezes, depois, se acrescentava “do Bairro da Saúde”, para distingui-la do trabalho presbiteriano, que começara no Rio em 1859. “Fluminense” foi palavra acrescentada mais tarde, em 1863, no seu nome oficial. Era um apelativo que se aplicava às pessoas e coisas do nosso atual Estado do Rio de Janeiro.

Constituiu-se a Igreja com 14 membros: dois escoceses (Dr. Kalley e D. Sara), três ingleses (Guilherme Pitt, sua esposa e sua irmã), oito portugueses (Francisco da Gama, Manoel Fernandes, Francisco de Souza Jardim e suas esposas, Maria Fernandes, prima de Manoel e José Pereira de Souza Louro) e um brasileiro (Pedro Nolasco de Andrade). Esteve presente à solenidade o jovem João Manoel Gonçalves dos Santos, que viria a ser mais tarde o primeiro pastor nacional da Igreja, em substituição ao Dr. Kalley.

5. TRIBULAÇÕES E PROSPERIDADE

Não foi sem dificuldades que o trabalho continuou. Houve perseguições tanto da parte do povo, como das autoridades civis e religiosas. Mas a mão de Deus estava sobre seu povo, cujo testemunho era fiel e incansável. O número de convertidos aumentava. Profunda impressão popular e nos meios sociais causou a notícia da conversão e batismo de duas damas da corte imperial: Dona Gabriela Augusta Carneiro Leão, irmã do Marquês de Paranaguá e do Barão de Santa Maria, e sua filha Dona Henriqueta.

Grande vitória, na ordem social, foi conseguida pelo Dr. Kalley (que se tornara, desde a sua chegada, amigo de D. Pedro II) com a regularização e reconhecimento oficial do casamento dos não católicos (1861), assim como a autorização do registro de seus nascimentos e falecimentos em cartórios de paz, e de haver nos cemitérios “um lugar para as suas sepulturas”. O Dr. Kalley também escrevia artigo para jornais seculares da época.

Em 1861 foi publicada a primeira edição de *Salmos e Hinos*, com 50 composições, logo depois seguida de uma segunda. A ação evangelizante da Igreja estendia-se além da Corte. Vários pontos de trabalho se estabeleceram. Antes que termine o século dos 1.800 já existiam quatro igrejas organizadas: a Fluminense (1858), a Pernambucana (1873), a de Passa Três (1898) e a de Niterói (1899). Já existem pastores nacionais nesse fim de século: João Manoel Gonçalves dos Santos, Leônidas Philadelfo da Silva e Antônio Marques. Há uma Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro, mais tarde Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal, fundada e em atividade desde 1890. Em 1893 foi fundada por Dra. Sarha Kalley, depois de seu regresso definitivo para a Escócia e da morte do Dr. Kalley, uma missão chamada “Auxílio ao Brasil” (Help for Brazil), para ajudar o trabalho que ela e o esposo fundaram aqui, e vários missionários dela colaboraram conosco.

Em 1892 começava a ser publicado “O Cristão”. O Dr. Kalley não existia mais. Depois de redigir o texto dos 28 *Artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo*, assinada por ele, pelo Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, co-pastor da Igreja, pelos presbíteros e diáconos (2 de julho de 1876), oito dias mais tarde partiu definitivamente para sua pátria, a Escócia, onde veio a falecer em 17 de janeiro de 1888. Dona Sarah ainda lhe sobreviveu quase vinte anos, falecendo em 8 de agosto de 1907, sempre interessada no Brasil e na composição de novos hinos, traduções ou originais, com que seria aumentada a coleção de *Salmos e Hinos*.

3

FRUTIFICANDO EM MEIO DE TRIBULAÇÕES

Nem sempre a Igreja Fluminense funcionou na Rua Camerino, 102. Quando os primeiros madeirenses chegaram para ajudar o Dr. Kalley foram residir em casa alugada, na Rua Boa Vista, 45 (hoje Conselheiro Zacarias, 52). Ali foi celebrada a primeira ceia dirigida pelo Dr., estando presentes a este ato dez pessoas: o Dr. Kalley, Guilherme Pitt, Guilherme Esher (amigo que fizera Pitt enquanto trabalhava no Arsenal da Marinha), os três casais: Gama, Fernandes e Jardim, e Maria Fernandes, prima de Manoel Fernandes.

1. PRIMEIROS TEMPOS DA EVANGELIZAÇÃO

A atividade missionária dos pioneiros era intensa. Manoel Fernandes seguiu depois com o Dr. Kalley, para vender livros em Petrópolis. Francisco da Gama foi o nosso primeiro colportor, trabalhando no Rio. Francisco Jardim foi trabalhar como limador no Arsenal da Marinha. Guilherme Pitt ali também se encontrava, como carpinteiro, ganhando a amizade de muitos camaradas. Todos foram consagrados presbíteros da Fluminense, a 1º de agosto de 1862. Pitt, pouco tempo depois, transferiu-se para São Paulo, onde cooperou com o Rev. Alexandre L. Blackford, missionário presbiteriano, que em casa de Pitt começou o trabalho que seria depois a Igreja Presbiteriana de São Paulo. Pitt com sua família se filiou a esta Igreja e nela ele foi ordenado ministro em 1869, falecendo logo depois: 1870.

O trabalho de evangelização era realizado pessoalmente, através da colportagem bíblica e de livros, nas ruas, nas visitas domiciliares e nos contatos com os colegas de serviço. E não era feito sem preço e oposição. Guilherme Pitt foi despedido do emprego do Arsenal da Marinha pelas atividades evangelizantes que ali desempenhava. Manoel Fernandes, em Petrópolis, foi preso, depois solto sob fiança, mas não conseguiu tirar a licença necessária para continuar vendendo livros. O Dr. Kalley teve de comprar-lhe uma casa e terreno para cultivar (pois era lavrador), e assim pôde, na medida do possível, continuar a distribuição de literatura. Francisco da Gama, em sua casa, além dos cultos domésticos que relizava todas as noites e a que assistiam alguns visitantes, resolveu ali estabelecer uma escola, para ensinar a doutrina cristã, o que levantou grande oposição dos vizinhos. A escola durou só cinco meses. No entanto, em sete meses, o Sr. Gama conseguiu vender 262 Bíblias, 168 Novos Testamentos e 183 folhetos, sendo distribuídos graciosamente 4 Testamentos e 1.076 folhetos, todos por conta do Dr. Kalley, sem contar os Testamentos, Bíblias que vendeu e folhetos que distribuiu por conta própria.

O Dr. Kalley colaborava ativamente no *Correio Mercantil*, desde 1856. Neste jornal, no ano seguinte, saiu publicado um artigo protestando contra a larga disseminação de Bíblias impressas em Londres, vendidas não somente em lojas, mas também “por estes mascates de livros que se encontram nessa cidade”, pela diminuta quantia de 3\$500. No ano seguinte, 1858, no mesmo *Correio* e na *Tribuna Católica* um artigo intitulado “Bíblias Protestantes” levantava a idéia, “para combater os progressos da heresia”, que o legislativo incluísse em seu orçamento uma quota para impressão de bíblias católicas.

cas, a fim de serem espalhadas pelas várias dioceses do Império e distribuídas aos pais de famílias, quase de graça. Era uma boa idéia. Mas não pegou.

Em outubro de 1858, numa barca que levava 90 passageiros, sendo 82 deles portugueses, foi feita uma pregação do Evangelho. Achava-se presente um rapaz, que pouco mais tarde se converteria, assistindo os trabalhos na casa do Sr. Gama. Chamava-se esse jovem José Luiz Fernandes Braga, que tanto fazia pela evangelização do Brasil e Portugal.

2. CRESCIMENTO DA IGREJA E DO CAMPO

Fundada a Igreja no Rio, o número de crentes vai aumentando. Em 1857 batizara-se em Petrópolis José Pereira de Souza Louro, português; em 11 de julho de 1858, dia da instalação da Igreja Fluminense, foi batizado o primeiro crente brasileiro, Pedro Nolasco de Andrade. Em 1859 são batizados Felipe Nèry, João Manoel Gonçalves dos Santos, que seria mais tarde substituto do Dr. Kalley e o primeiro ministro consagrado numa igreja congregacional no Brasil. Em 1859 também foram batizadas em Petrópolis duas senhoras de alta posição, D. Gabriela Augusta Carneiro Leão e D. Henriqueta Soares do Couto Esher, sua filha.

Em 1860 a Igreja já contava com 33 ou 35 membros e funcionava na Rua do Propósito, 52, onde foi batizado o Rev. Santos. Os cultos celebravam-se aos domingos; nos demais dias da semana, exacto segunda e sábado, realizavam-se em casas dos crentes. O Evangelho já se alastra além da capital: visita-se Magé, Cantagalo, Porto das Caixas etc. A perseguição continua. Invade-se a casa do Sr. José Bastos, na Rua América, do Sr. Diogo, onde havia culto às terças-feiras, e a residência do Sr. Bernardino Guilherme da Silva, na Rua Santa Luzia, onde os serviços se faziam às quintas-feiras. Em 1861 todos os evangélicos do Arsenal da Marinha foram despedidos. No dia 11 de agosto ia acontecendo quase uma outra noite de São Bartolomeu, quando, em 24 de agosto de 1827, morreram milhares de huguenotes, na França, incluindo o almirante Coligny, às mãos de fanáticos católicos.

Em 7 de agosto de 1864, a Igreja começou a funcionar na Travessa das Partilhas, 44, na Ladeira do Barroso. Foi então cantado, pela primeira vez, o hino “Bendito Jesus, Divino Pastor” (*Salmos e Hinos*, 221), que, por isso recebeu o título de “7 de agosto”.

No ano anterior (1863) começara a evangelização em Niterói, onde residia um membro da Igreja, Patrocínio Antônio Dias, que abriu sua casa, à Rua da Conceição, para o trabalho do Evangelho dirigido pelo Dr. Kalley.

Em 1865 chegou da Inglaterra o Rev. Ricardo Holden, ministro da Igreja Anglicana. Unindo-se à Igreja Fluminense, ficou como co-pastor do Dr. Kalley. Numa de suas viagens à Inglaterra aderiu às doutrinas darvistas e, em virtude disso, resignou, numa carta de lá enviada, o cargo que exercia na Igreja. Muitos irmãos se entristeceram com a renúncia do co-pastor, muito estimado por seu zelo e dedicação ao Serviço de Deus. Alguns, concordando com a nova doutrina, cujos germes já haviam sido semeados pelo Rev. Holden, afastaram-se e foram fundar a Igreja dos Irmãos Unidos, na casa do Sr. João Menezes.

Em 1868 teve origem o nosso trabalho em Recife, graças aos esforços do diácono Manoel José da Silva Viana, colportor da Sociedade Bíblica Britânica. Em 1873 o Dr. Kalley, indo à capital de Pernambuco, ali fundou, em 19 de outubro, a Igreja Evangélica Pernambucana, com o batismo de 12 pessoas.

3. SOCIEDADE DE EVANGELIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Os trabalhos de evangelização prosperavam. Em 1890, por iniciativa do Sr. José Luiz Fernandes Braga, foi convidado o Sr. Henrique Maxwell Wright, grande evangelista português, para fazer uma campanha no Rio. Uma comissão especial foi nomeada para reunir os recursos necessários e tomar outras providências. Os resultados foram animadores, havendo grande número de convertidos. O Sr.

Maxwell Wright foi o primeiro evangelista que se aventurou a realizar conferências evangelísticas em teatros (no “Phoenix Dramática”, no Rio), vencendo a relutância de alguns crentes conservadores. Nessa época, desde 1886, a Igreja funcionava na Rua Larga de São Joaquim, hoje Marechal Floriano, quase em frente ao edifício da Light. Só em 1914 se transferiu para a sede atual, na Rua Camerino, 102.

Diante do sucesso alcançado pela campanha, alguns irmãos resolveram fundar uma sociedade que tratasse da evangelização das duas pátrias, Brasil e Portugal. À frente deste grupo estava o Rev. Santos, pastor da Igreja, o Sr. José Luiz Fernandes Braga e o Sr. Wright. Desse último veio a sugestão do nome para a nova entidade: Sociedade de Evangelização, a que mais tarde se acrescentou a expressão do Rio de Janeiro, mais para indicar a sua sede que a sua esfera de atividades, pois ela se propunha, conforme estatutos, a:

1º - Auxiliar a pregação do Evangelho onde o Dr. Roberto Reid Kalley deu princípio e a estabeleceu;

2º - Auxiliar ou estender esta mesma obra nesta cidade e seus arredores, assim como em outros Estados da República e em Portugal, ilhas e possessões;

3º - Auxiliar também nas despesas pessoais de membros da Igreja Evangélica Fluminense que, tendo dado provas de que são chamados por Deus para a obra de um evangelista, queiram estudar;

4º - Empregar evangelistas, alugar casas para a pregação do Evangelho e pagar as despesas relativas à evangelização.

O primeiro presidente da nova Sociedade foi o Rev. Santos, que a exerceu desde sua fundação até 19 de maio de 1911, quando foi substituído pelo Rev. Alexandre Telford. O tesoureiro era o presbítero José Luiz Fernandes Braga, que exerceu esse cargo até o seu falecimento, em 16 de março de 1920.

Como primeiro obreiro da Sociedade foi convidado o Rev. Salomão Ginsburg, com o ordenado mensal de cem mil réis. Visitou Cachoeiras de Macacu, Passa Três, Morro Azul e Piraí. Estava trabalhando em Niterói quando, atendendo o pedido do Rev. Fanstone, pastor da Igreja Pernambucana, a Sociedade o enviou para Recife, a fim de substituir aquele ministro que ia tratar de sua saúde na Inglaterra. Salomão Ginsburg realizou trabalhos em Recife, Goiânia, Cabo e outras localidades. Converteu-se, porém, da forma imersionista de batismo e, indo para a Bahia, aí foi arrolado entre os batistas.

O evangelista Wright, partindo para Portugal, em 1891, iniciou ali grande atividade de evangelização em companhia do Rev. Manoel dos Santos Carvalho, Antônio Patrocínio Dias (iniciador do trabalho em Niterói), Manoel Melin e Augusto dos Santos e Silva. Foram visitados Setúbal, Algarve, Portalegre e Porto, assim como as ilhas do Pico, da Madeira e S. Miguel.

Em 1892 é admitido como evangelista o Rev. Leônidas Philadelfo da Silva, que esteve primeiro em Pernambuco e depois no Rio de Janeiro e Niterói, havendo antes feito o curso teológico na Inglaterra. Foi ainda contratado o Rev. Antônio Primo Salustiano Marques, que também fez o curso na Inglaterra. O Rev. Leônidas foi o primeiro pastor da Igreja Evangélica em Niterói e o Rev. Marques o primeiro de Passa Três, em 1899 e 1897 respectivamente.

4. HELP FOR BRAZIL (AUXÍLIO AO BRASIL)

Quando o Rev. James Fanstone foi à Inglaterra, em 1891, expôs a alguns amigos as necessidades da evangelização do Brasil e Portugal, em harmonia com a Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro. Alguns movimentos se fizeram nesse sentido. A idéia, porém, tomou forma definitiva em resposta a um apelo que D. Sarah Kalley dirigiu aos crentes de sua terra por meio de uma brochura intitulada *Ao Brasil, via Madeira*, secundando os esforços do Rev. Fanstone.

Um grupo de 14 pessoas, entre elas o Rev. Fanstone, D. Sarah, o célebre missionário Hudson Taylor e o Dr. João Gomes da Rocha, fundou então uma sociedade missionária para ajudar a obra do Dr. Kalley no Brasil.

A nova entidade tomou o nome de Help for Brasil (Auxílio ao Brasil), sendo D. Sarah sua secretária. Como não dispunha de grandes recursos, a política da Help for Brazil foi a de enviar missionários e não o auxílio financeiro.

O primeiro missionário foi o Rev. Henrique McCall, que veio em companhia do Rev. Fanstone. Trabalhou em Passa Três, transferindo-se mais tarde para a Igreja Presbiteriana. Vieram, depois, em 1894, mais quatro novos obreiros: o Rev. Charles W. Kingston, fundador das Igrejas de Vitória de Santo Antão e Caruaru, em Pernambuco; o Rev. Thomas C. Joyce, que esteve pouco tempo em Pernambuco, vindo logo para Passa Três, onde se casou com sua colega Amélia C. Vigor, e mais tarde se passou para a Igreja Batista; e a Srta. Ana Berenguer Melville que, com sua colega Amélia Vigor, trabalhou algum tempo na Escola diária da Igreja Fluminense, e mais tarde viria a casar-se com o Sr. Jabez Wright.

Desde então outros missionários seguiram-se a estes primeiros: o Rev. José Orton, iniciador do trabalho em Mangaratiba e um dos maiores evangelistas que tem trabalhado entre nós, Luiz Suter, Ana Huber, Ida Knorr e Miss Aylton; o Rev. James Mac Carthy e depois os Revs. X. C. Cooper, Jabez Wright e Alexandre Telford.

Alexandre Telford tornou-se um dos mais ativos e operosos missionários em nosso meio. Esteve aqui desde setembro de 1899 até junho de 1936, quando partiu para a Escócia, exercendo ali o pastorado durante algum tempo e falecendo em 5 de agosto de 1952. Chegando ao Brasil, trabalhou oito meses em Passa Três, onde aprendeu português com o Rev. Marques, e foi depois para Recife, onde por cinco anos pastoreou a Igreja Pernambucana. Foi pastor interino da Igreja Fluminense em 1907, e depois co-pastor, tendo a seu cargo a Igreja de Niterói. Em 1911, com a renúncia do Rev. Santos, foi eleito pastor efetivo na Rua Camerino, nesse cargo permanecendo até 1916. Foi um dos fundadores, com o Rev. Francisco Antônio de Souza, do Seminário Teológico do Rio de Janeiro, organizador, com o mesmo ministro, da nossa primeira Convenção, em 1913, eleito primeiro presidente da Aliança Evangélica que ali se fundou, presidente da Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro, redator de *O Cristão*, agente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, reitor e professor do Seminário, e, no pastorado da Igreja Fluminense, um dos maiores incentivadores da modernização de seus serviços, principalmente o da Escola Dominical.

Sem qualquer injustiça a muitos que com eles colaboraram, pode-se dizer que com o Rev. Telford e com o Rev. Francisco Antônio de Souza, seu sucessor na Igreja Fluminense e seu grande amigo e companheiro de idéias, começa o período denominacional de nossa União de Igrejas, que até então eram isoladas e independentes, embora unidas por fortes laços de companheirismo e de origem comum.

4

COMO NOSSA

DENOMINAÇÃO SURTIU

Ao raiar do ano de 1900, 45 anos depois que se iniciou com cinco alunos a Escola Dominical de Petrópolis, já são evidentes as marcas do progresso da obra fundada pelo Dr. Kalley.

Há quatro igrejas organizadas: a Fluminense, a Pernambucana, a de Passa Três e a de Niterói. Estão em atividade três ministros nacionais: Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, Rev. Leônidas da Silva e Rev. Antônio Marques, além dos ministros missionários Salomão Ginsburg, Fanstone, Joy-

ce, Orton, Gartner, Mac Call, Cooper, Kingston, Fitzgerald Holmes, e as professoras Aylton, A. Vigor, Ana B. Melville, Luíza Agnes Wright, Luísa Sutter, Ana Huber. Um grupo consagrado de obreiros leigos, como José Luiz Fernandes Braga, Francisco Jardim, Bernardino Guilherme da Silva, Francisco Antônio de Souza, Simão Salém, José Rodrigues Martins, José Francisco Gomes, Alfredo Pires de Oliveira, Antonio D. Assunção e muitos outros que impulsionam a obra de evangelização.

Temos uma sociedade de evangelização nacional, com a qual coopera outra de origem estrangeira, a *Help for Brazil*. Há um jornal, *O Cristão. Salmos e Hinos* tivera a sua primeira edição em 1861, num pequeno volume de 18 páginas, com 18 salmos e 32 hinos. Em 1865, sai uma segunda edição, revista e aumentada, com 25 salmos e 58 hinos; em 1868, vem a lume a edição com música. Outras edições se sucedem, com revisão e aumento do número de hinos, até que em 1902 a coleção atinge a 526 hinos. Só mais tarde, em 1919, o total de hinos vai a 608; e em 1975 a 652.

O trabalho de Portugal se vai desenvolvendo. Em 1892 o evangelista Maxwell Wright, representante da Sociedade de Evangelização, com alguns companheiros, entre os quais os futuros Revs. Manoel dos Santos Carvalho e José Augusto dos Santos e Silva, prega o Evangelho em vários pontos do continente e das ilhas. Em 1895 o Sr. Júlio Francisco da Silva Oliveira inaugura um trabalho em sua residência, na cidade de Lisboa, com a cooperação de Santos Carvalho e Santos Silva. Mudado para o bairro da Estofânia, logo é organizado em Igreja, que ficou sob a jurisdição da Igreja Metodista. Mais tarde voltou à direção do seu fundador e em 1908 se constituiria em Igreja Congregacionalista, sendo os moldes da Igreja Evangélica Fluminense, sob o nome de Igreja Evangélica Lisbonense. Com ela se inaugurou o nosso trabalho em Portugal e novas igrejas surgiram: a de Chelas, a de Róssio de Abrantes, a de Figueira da Foz, a de Ajuda, a de Braga e outras mais.

1. A PRIMEIRA CONVENÇÃO DE IGREJAS

Os Revs. Francisco Antônio de Souza (batizado em 1900 e ordenado em 1911) e o Rev. Alexandre Telford, diante do crescimento do trabalho tanto aqui como em Portugal, sentiram a necessidade da constituição de um organismo denominacional que congregasse todas as nossas igrejas. Assim prepararam, como medida preliminar, um projeto de estatutos, que foram publicados em *O Cristão* de maio e junho de 1911, sob o título de “Estatutos da União das Igrejas Evangélicas Indenominacionais, que aceitam a *Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo*”. O texto foi aprovado por uma comissão organizadora composta de representantes da Igreja Lisbonense, da de Niterói e da de Encantado, havendo a Igreja Pernambucana aceitado também a idéia. No dia 6 de julho de 1913, com sermão de abertura pelo Rev. Telford, foi instalada a primeira convenção das Igrejas Indenominacionais, na Casa de Oração da Igreja Evangélica Fluminense, então na Rua Marechal Floriano. Estiveram representadas 13 igrejas: Fluminense, Niterói, Pernambucana, Passa Três, Caçador, Encantado, Paracambi, Vitória de Santo Antão, Jaboatão, Monte Alegre, Paranaguá, Paulistana e Santista. Compareceram os Revs. Francisco de Souza, Telford, Pedro Campelo, Leônidas Silva, os Revs. Francisco de Souza, Telford, Pedro Campelo, Leônidas Silva, Manoel Marques e Elias José Tavares, assim como os seguintes representantes eclesiásticos: presbíteros José Luiz Fernandes Braga, Israel Galart, Manoel Palmeira, José Elias Tavares e José Rodrigues Martins, e Srs. Manoel Batista, Domingos Correia Lage, Antônio Pereira, Júlio Correia de Ávila e Domingos Antônio da Silva Oliveira. Ao todo 16 delegados. Não puderam comparecer as igrejas de Portugal, já em número de cinco: Lisbonense, Chelense, Figueirense, Rossiense e Ajudense.

Quanto ao nome da nova entidade, não se chegou a uma conclusão. O plenário esteve dividido em dois grupos: um que desejava que nele constasse o nome “Congregacional”, por causa do regime de governo das igrejas, e outro, que se opunha a esse nome, alegando que os congregacionais ingleses e americanos eram modernistas e batizavam crianças. Afinal foi adotado o nome de Convenção das Igrejas Evangélicas Congregacionais, que não haveria de permanecer. Sucessivos nomes foram dados nas convenções seguintes: Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais Brasileiras e Portuguesas

(2ª Convenção, em Niterói, 1916), União das Igrejas Evangélicas que adotam a Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo, recebida pela Igreja Evangélica Fluminense (3ª Convenção, na Fluminense, 1919), União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil e de Portugal (4ª Convenção, na Fluminense, 1921), União das Igrejas Congregacionais Independentes (5ª Convenção, no Encantado, 1923), Federação Evangélica Congregacional Brasileira (autorizado pela Junta Geral, 1924), Federação Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal (10ª Convenção, em Passa Três, 1934, para conservar a cooperação das igrejas do Nordeste, que se haviam constituído em União, ficando então a Federação formada de três Uniões: Norte, Sul e Portugal, e mais a Missão Evangelizadora). Teve esse nome pouca duração, pois no primeiro Congresso da Federação (Fluminense, 1937) volta a usar-se o de União Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal. Logo depois, a Junta Geral, optando pelas sugestões deixadas pela 12ª Convenção, adotou o nome de União das Igrejas Evangélicas do Brasil (Governo Congregacional), em 1941. No ano seguinte, 1942, em Santos, reunindo-se representantes da 13ª Convenção e do Concílio Geral da Igreja Cristã Evangélica do Brasil, houve fusão dos dois grupos e surgiu para a nova entidade o nome: União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil.

A diretoria da primeira Junta Geral ficou constituída pelos irmãos: Rev. Alexandre Telford, presidente; Rev. Leônidas Philadelfo da Silva, vice-presidente; Rev. Pedro Campelo, primeiro secretário; Rev. Elias José Tavares, segundo secretário; Sr. Domingos Antônio da Silva Oliveira, tesoureiro e, como vogais, os Revs. Francisco Antônio de Souza e Manoel Marques e o presbítero José Luiz Fernandes Braga.

Duas importantes decisões foram tomadas: fundar um Seminário e publicar um jornal ou revista. *O Cristão*, já em existência desde 1892, foi adotado como órgão oficial da denominação.

2. O SEMINÁRIO

A solenidade de abertura das aulas do Seminário Evangélico Congregacional realizou-se no dia 3 de março de 1914, num prédio da Rua Ceará, graciosamente cedido pelo presbítero José Luiz Fernandes Braga.

Os professores foram os Revs. Francisco Antônio de Souza, Alexandre Telford, Leônidas Philadelfo da Silva e Pedro Campelo. O corpo discente era constituído dos alunos: Jônatas Thomás de Aquino, Bernardino Pereira Cardoso, José Barbosa Ramalho e Abílio Nogueira, aos quais depois se juntaram Fortunato Gomes da Luz e Domingos Correia Lage. O Rev. Jônatas recebeu ordenação em 1918, e seus outros colegas, menos Abílio Nogueira, que deixou o Seminário por motivo de enfermidade, foram consagrados em 1919.

Em 1919 matriculou-se uma numerosa turma de 11 alunos, entre os quais Ismael da Silva Júnior, Alfredo Pereira de Azevedo, João Correia de Ávila, Augusto Paes de Ávila, João Mazotti Júnior e Paulo Hecke, que foram ordenados em 1925, na sexta Convenção Geral, já como alunos do Seminário Unido ou Faculdade de Teologia das Igrejas Evangélicas do Brasil. A Faculdade havia sido criada em 1918, com a cooperação dos presbiterianos, metodistas e congregacionais. Em 1921, a União das Igrejas resolveu fortalecer a obra cooperativa e transferiu seus alunos para o Seminário Unido.

Em 1932, no segundo semestre, voltaram a funcionar as aulas do Seminário Evangélico Congregacional, sob a reitoria do Rev. Alfredo Pereira de Azevedo, na Rua do Costa, 60. Depois da criação, em 1945, do Instituto Bíblico da Pedra, em 1960 o curso foi organizado de modo a unificar as duas entidades, passando o nosso Seminário a ter o nome de Seminário Teológico do Rio de Janeiro, com sede em Pedra de Guaratiba.

3. FUSÃO COM A IGREJA CRISTÃ EVANGÉLICA

Já nos referimos, anteriormente, à Help for Brazil, missão criada por Dona Sarah Kalley e que desde sua criação, em 1892, tanto ajudou a evangelização do Brasil. Em 1911 essa Missão, reunindo-se a outras, veio a formar a UESA (União Evangélica Sul Americana), organizadora das Igrejas Cristãs Evangélicas, com as quais os congregacionais se uniram em Santos, em 1942, formando assim a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil. A UESA nasceu durante uma das célebres convenções de Keswick, na Inglaterra. Líderes evangélicos daquele país, entre eles o Dr. Campbell Morgan, não se conformavam com a decisão da Conferência Mundial de Missões Estrangeiras, em Edimburgo, determinando excluir a América Latina da esfera missionária, sob a alegação de que essa região já vinha sendo cristianizada há séculos pela Igreja Católica Apostólica Romana. A repulsa daqueles líderes ganhou simpatia e terreno entre muitos e assim, para manter viva a chama da evangelização na América Latina, três missões britânicas que aqui operavam vieram a unir-se: a Regions Beyond Missionary Union, com trabalho na Argentina e no Peru, a South American Evangelization Mission, com trabalho em São Paulo e Goiás, e a Help for Brazil. Dessa união surgiu a Missão Evangélica Sul Americana (UESA).

A South American Evangelization Mission, que começara o trabalho na Argentina, tomara interesse pelo Brasil, ao saber, pelos jornais, que um cacique viera da região do rio Tocantins ao Rio de Janeiro à procura de um professor para a sua tribo. O apelo tocou o coração do Dr. Glenny, que partiu para Carolina, no Maranhão, às margens daquele rio, onde serviu como médico missionário. Teve, porém, que voltar para a Inglaterra, por causa da saúde da esposa. No fim do século, Frederico Glass se converteu enquanto trabalhava nas minas de Morro Velho, e veio a estabelecer com seu colega, Young, florescente serviço em São Paulo. A SAEM, a pedido, assumiu a jurisdição sobre a obra iniciada e começou a estender o trabalho, sob a liderança de obreiros como Frederico Glass, Morris Bernard, Archie Macintyre e Bryce Ranken. Os missionários penetraram Morrinhos e outros lugares, atingindo a região dos índios carajás, no Araguaia. Igrejas surgiram em Goiás, São Paulo e zona do São Francisco. O Dr. James Fanstone, filho do antigo pastor da Igreja Pernambucana, fundou o Hospital Evangélico Goiano. O Rev. Wesley Archibald lançou as bases do Instituto Bíblico Goiano. Em breve tempo, com as igrejas nacionais fundadas pela UESA organizou-se a Igreja Cristã Evangélica do Brasil. Pertencentes à UESA, mas cooperando ainda conosco estavam os missionários Harry Briault, fundador da Igreja de Campina Grande, William Banister Forsyth, em Recife e Graham Jonhson, em Maceió.

Com esse grupo de igrejas, historicamente ligadas à Help for Brazil e, através dela, à D. Sarah Kalley, foi que os congregacionais, depois de entendimentos prévios, vieram a unir-se em 1942, na cidade de Santos, para formar a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil (UIECCB).

4. COOPERAÇÃO DA IGREJA DOS IRMÃOS UNIDOS (1952)

Em 1952, em Convenção Geral realizada em Pedra de Guaratiba, foi reconhecida a Brazil Mission da Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos como entidade missionária cooperante com a União. Não se deve confundir essa Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos com a já existente dos Irmãos Unidos do Brasil, também conhecida como Igreja Cristã ou darbista. Estes, como já vimos anteriormente, tiveram origem em 1872, numa divisão que houve na Igreja Evangélica Fluminense, motivada pela atuação do Rev. Ricardo Holden. Diferentemente da UESA, que se ligou a nós pelas igrejas que fundara, os Irmãos Unidos não tiveram sua ligação conosco através das igrejas. Era trabalho recente no Brasil, focalizando sua cooperação através de colégios, como o Couto Magalhães e Instituto Bíblico Goiano, em Anápolis, o Álvaro Melo, em Ceres, e o Nilza Rizzo, em Cristianópolis. Sua ajuda nesse setor, principalmente em grandes verbas destinadas à obra missionária, muito contribuiu para a manutenção e distensão do nosso campo.

No ano do centenário de *O Cristão* (1992), o Prof. Domingos Oliveira fez publicar três artigos sob o tema “O Congregacionalismo Brasileiro”, dos quais aqui publicamos dois.

1. O TEMPO DE CONSOLIDAÇÃO NACIONAL

O ano de 1914 marcou a implantação de decisões da 1ª Convenção: *O Cristão*, desde janeiro passa a circular como órgão denominacional; em novembro passa-se a publicar as lições para a Escola Dominical, e em 3 de março é instalado o Seminário Evangélico Congregacional, na Rua Ceará, no Bairro de São Francisco Xavier, em propriedade cedida pelo Presb. José Luiz Fernandes Braga. A primeira turma formou-se em 1917. Criada a Faculdade de Teologia das Igrejas Evangélicas do Brasil, com a cooperação de presbiterianos, metodistas e congregacionais, foram os alunos do nosso Seminário transferidos para a Faculdade. Em 1932 voltou a funcionar o Seminário Congregacional, usando as instalações do Edifício Kalley, recém unaugurado pela Igreja Evangélica Fluminense.

No Recife, em 1927, começou a funcionar o Instituto Bíblico do Recife, para dar formação aos candidatos ao Santo Ministério que iam surgindo no Nordeste. Funcionou até 1935 e depois teve vários períodos de existência intermitente.

Em 1919 foi aprovada a criação de um orfanato, por sugestão do Presb. Abílio Augusto Biato, o que se concretizou muito mais tarde, com a implantação do Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba. O Presb. Abílio muito lutou para angariar fundos para o orfanato: promoveu campanhas, organizou festivais em casas de crentes e logradouros do Rio de Janeiro, uma delas no Jardim Zoológico de Vila Isabel, a 21 de abril de 1927. Foi a primeira Festa do dia 21 de abril.

Nesta fase, que se estende até 1942, organizaram-se várias igrejas no Brasil. Eram 69, espalhadas pelos Estados da Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná e no Distrito Federal, além de algumas congregações no Ceará, onde desde 1941 existia a Igreja Evangélica Congregacional de Cachoeira, na zona rural do município de Boa Viagem. Esta Igreja só veio a se filiar à União um pouco mais tarde. A Igreja de Cachoeira foi fruto de migração de congregacionais do sertão da Paraíba por causa da perseguição religiosa e da seca.

Em Portugal os congregacionais foram a maior denominação evangélica até a segunda guerra mundial. As dificuldades de remeter auxílio financeiro por parte das igrejas brasileiras fez com que a quase totalidade das igrejas congregacionais portuguesas se transferissem para outras denominações que tinham apoio financeiro externo. Parte tornou-se presbiteriana, parte metodista. Permaneceram como congregacionais apenas as Igrejas Chelense, de Ponte de Sor e de Paio Pires.

A consciência denominacional, contudo, não existia e é fácil notar-se. A começar pelo primeiro designativo: União das Igrejas Evangélicas Indenominacionais. Neste período foram aprovados nove diferentes nomes. A reação ao designativo congregacional era grande, por causa do liberalismo dos congregacionais norte-americanos e ingleses e porque batizavam crianças. As mudanças estatutárias também foram significativas: oito. O único elo denominacional em todo o período foi *O Cristão* e em parte dele o Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, mas ambos com pouca influência no Nordeste, o que explica ter sido necessário em 1934, para manter a unidade, criar-se a Federação Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal, formada por três Uniões: a União do Sul, a do Norte e a de Portugal. Gradativamente a Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal, sucessora da Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro, transformada em Departamento de Missões denominacional em

1932, passou a desempenhar importante papel de ligação entre as várias igrejas, as que contribuíam financeiramente e as que recebiam a ação missionária. Isto ocorreu graças à visão do Rev. Pedro Campelo, que dirigiu a referida Missão.

Foi também neste período que teve início o movimento organizado de mocidade. Em maio de 1953 foi realizado o primeiro Congresso, ainda não nacional, da mocidade congregacional. O encontro ocorreu na Igreja Evangélica Congregacional de Piedade.

2. A OBRA DE KALLEY UNIDA

O casal Kalley, durante sua permanência no Brasil, conseguiu sem qualquer auxílio, a não ser seus próprios recursos, organizar duas igrejas: a Igreja Evangélica Fluminense e a Igreja Evangélica Pernambucana. Estabeleceram-se também vários pontos de pregação, havendo alguns mais tarde transformado-se em igrejas. Este esforço pessoal e direto do casal Kalley redundou nas Igrejas Congregacionais que se espalharam com o decorrer dos anos pelo Brasil.

Mesmo após terem-se mudado definitivamente para a escócia, Robert e Sarah Kalley continuaram com o coração no Brasil. Em 1892 Sarah Kalley e alguns amigos fundaram uma Missão para evangelizar o Brasil, a Hel for Brazil. Em 1912 diversas Missões que já atuavam na América do Sul, inclusive a Help for Brazil, uniram-se, formando a União Evangélica Sul-Americana (UESA). Elas assim procederam para agirem mais eficientemente à decisão da primeira Conferência Missionária Mundial, realizada em 1910, que excluiu a América Latina como campo missionário, achando que as populações, por serem católicas, não precisavam ser evangelizadas. Do esforço da UESA surgiu a Igreja Cristã Evangélica do Brasil, portanto fruto da atividade dos Kalley.

Sobre a Igreja Cristã Evangélica do Brasil pronunciou-se assim o veterano e experimentado Presb. José Luiz Fernandes Braga Júnior: “Essa gente é de nosso pensar em tudo, exceto na imersão, modo de batizar que a Bíblia não especifica e é, portanto, livre”.

Quando em 1942, a União das Igrejas Evangélicas do Brasil (governo congregacional) e a Igreja Cristã Evangélica do Brasil uniram-se, em Santos, formando a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil, estava-se processando a reunião dos diversos trabalhos surgidos a partir da atuação do casal Kalley. Eram 89 igrejas, sendo 69 congregacionais com perto de 6.000 membros e 20 igrejas cristãs, com perto de 2.000 membros, estas espalhadas pela Bahia, Minas Gerais e sobretudo Goiás e São Paulo. Havia 54 pastores em atividade, 13 ministros em disponibilidade e 13 evangelistas distribuídos em 10 Estados e no Distrito Federal. As igrejas concentravam-se no Rio de Janeiro (20), no Distrito Federal (18), em São Paulo (12), na Paraíba (12), em Pernambuco (10) e em Goiás (10). Nos demais Estados a presença era apenas simbólica. Existiam 93 congregações e 148 pontos de pregação. O número de Escolas Dominicais era de 189, onde estavam arrolados 10.843 alunos e professores. Existiam 143 presbíteros e 215 diáconos.

Em 1955, ao completar os cem anos do Congregacionalismo Brasileiro, existiam 151 igrejas, 98 congregações, 193 pontos de pregação, 214 Escolas Dominicais com 16.309 alunos, 112 ministros e 12.619 membros. Em 14 anos ocorreu um aumento de mais de 50% no número de membros das igrejas. Muitas igrejas recebiam o apoio da Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal, que funcionava como Departamento de Missões da União, sobretudo as do Paraná, Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo, cujo trabalho se vinculou à União em 1951.

Foi na época cristã-congregacional que surgiu, pela primeira vez entre as igrejas, sobretudo no seio da juventude, o espírito denominacional. Itenso já na década de 1940, ampliou-se com as comemorações do centenário da Escola Dominical e do próprio trabalho congregacional, em 1955. Existiam ainda reações ao denominacionalismo, sobretudo nos Seminários e em muitas igrejas. Foram expoentes nesta fase os Revs. Manoel da Silveira Porto Filho, Ismael da Silva Júnior e Salustiano Pereira César.

Em 1945 o Rev. Oliver Martin Thomson e sua esposa, Dorothea, fundaram o Instituto Bíblico da Pedra, onde foi introduzido um curso de preparação também para moças. Funcionando como internato e separado do Seminário Congregacional do Rio de Janeiro, mais tarde a ele se uniu, sendo hoje internato do referido Seminário.

No ano de 1937, o Seminário do Nordeste passou a funcionar em conjunto com o Seminário Presbiteriano, com o nome de Seminário Evangélico do Norte. Neste mesmo ano foi fundado o Instituto Bíblico, em Patos, no sertão da Paraíba. Em 1944 foi o mesmo transferido para Fortaleza com o nome de Instituto Bíblico Nordeste. No ano seguinte mais uma vez foi transferido, agora para Recife. Em 1952 o presidente da Junta Regional do Nordeste, Rev. Josué Alves de Oliveira, levou a que se comprasse um sítio em Tejipló, nos subúrbios do Recife. Era uma área de 9.000 metros quadrados, com uma casa. No prédio do Seminário veio a funcionar o Ginásio 19 de Agosto, que teve que ter suas atividades encerradas em 1972, por estar em situação crítica. No local funciona hoje o internato do Seminário Teológico Congregacional do Recife. As aulas noturnas eram realizadas e o são até hoje na 1ª Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana.

Em 1949, no dia 21 de abril, deu-se início a instalação oficial do Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba, que começou a funcionar em uma área cedida pelo Igreja Evangélica Congregacional de Pedra de Guaratiba, junto a seu templo. O Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba foi idealizado em 1919 como entidade de proteção aos órfãos, orfanato evangélico. Pouco tempo depois de sua instalação a Abrigo passou a funcionar na enorme propriedade em que ainda hoje se encontra, adquirida pelo audaz Rev. José Barbosa Ramalho, que inclusive foi seu primeiro diretor interno. Em 21 de abril de 1951 foi lançada a pedra fundamental do atual pavilhão, com capacidade para 100 crianças. Inaugurado em 15 de novembro de 1954, o Abrigo já contava com 50 órfãos sob seus cuidados. O antigo prédio foi então destinado ao Lar da Velhice, instalado em 21 de abril de 1953. O Lar da Velhice funcionou durante alguns anos.

No segundo semestre de 1950 começaram a ser publicadas as Revistas para a Escola Dominical, inicialmente e por longo tempo apenas na versão para adultos.

O trabalho leigo cresceu muito e estruturou-se em federações e confederações. *O Exemplo*, periódico da Mocidade, é lançado a 12 de abril de 1945, no Congresso da Mocidade Cristã-Congregacional do então Distrito Federal, pelo Rev. Salustiano Pereira César, ao defender a tese da necessidade de um jornal para a mocidade. Em janeiro de 1947 é realizado o primeiro Congresso Nacional da Mocidade Cristã-Congregacional e elege-se a primeira diretoria da Confederação de Mocidade. Em janeiro de 1952 reúne-se o primeiro Congresso das Uniões Auxiliadoras Femininas e elege-se a diretoria da Confederação. No quarto trimestre de 1953 é publicado o primeiro número de *Vida Cristã*, a revista da mulher congregacional.

Em 1952 foi reconhecida a Brazil Mission da Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos, com sede em Dayton, nos Estados Unidos da América, como entidade missionária cooperante com a União, através de convênio semelhante ao que regia a cooperação com a União Evangélica Sul-Americana. Diferentemente da UESA, que se ligou à União pelas igrejas que fundara e que formaram a Igreja Cristã Evangélica do Brasil, os Irmãos Unidos não tiveram sua ligação com a União através de igrejas. Focalizaram sua cooperação através de Colégios em Goiás, como o Colégio Couto Magalhães e o Instituto Bíblico Goiano, em Anápolis, o Colégio Álvaro Melo, em Ceres e o Instituto Nilza Rizzo, em Cristianópolis. Os Irmãos Unidos, além de ajuda na área educacional, destinaram grandes verbas à obra missionária, o que contribuiu gradamente para o crescimento do trabalho em Goiás e em Brasília e cidades satélites e para a realização da 1ª Campanha Nacional de Evangelização. Em 1967 encerrou-se o convênio de cooperação com a Brazil Mission da Igreja dos Irmãos Unidos, que se fundira com a Igreja Metodista dos Estados Unidos da América.

Em 1960, com adesão de 51 igrejas, constituiu-se uma ala dissidente da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil, que se organizou sob o nome de União das Igrejas Evan-

gêlicas Congregacionais do Brasil. Discordavam da aceitação de dois modos de batismo praticados, o da aspersão e o da imersão, da diversidade no modo de governo entre as igrejas cristãs e congregacionais e da tolerância quanto a opiniões diferentes em relação à segurança da salvação. Como órgão da nova União, que se reuniu em Assembléia Geral seis vezes em nove anos, criou-se o jornal *Brasil Congregacional*. O Rev. Salustiano Pereira César, em seu oportuno livro *O Congregacionalismo no Brasil - fatos e feitos históricos*, a respeito do fato declara: “Ao lado das experiências positivas, da justaposição dos evangélicos congregacionais aos irmãos em Cristo filiados às igrejas cristãs do Brasil, surgiram no decurso da terceira fase, algumas circunstâncias incidentais que determinaram um movimento de restauração das formas tradicionais do congregacionalismo original”.

Em 1965, apesar do afastamento das igrejas congregacionais do Nordeste e de algumas dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Guanabara (hoje município do Rio de Janeiro) a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil contava com 154 igrejas e 145 ministros.

Em 1967, para proporcionar períodos saudáveis de férias para crianças, adolescentes e jovens é organizado o Acampamento Ebenézer, ligado ao Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, nas dependências da Pedra de Guaratiba. Desde então o Acampamento tem sido uma bênção na vida daqueles que o têm utilizado.

Em janeiro de 1968, em Niterói, desfez-se a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil. À Igreja Cristã Evangélica do Brasil incorporaram-se todas as igrejas de Goiás e de Brasília e cidades satélites, metade das igrejas de São Paulo e uma igreja no Estado do Rio de Janeiro e outra no Estado de Minas Gerais. As igrejas congregacionais reuniram-se provisoriamente numa entidade designada pelo nome de Igreja Evangélica Congregacional do Brasil.

6

O CONGREGACIONALISMO

BRASILEIRO (II)

Prof. Domingos Pessoa da Silva Oliveira

1. A CONSOLIDAÇÃO NACIONAL

Em janeiro de 1969 os dois ramos congregacionais se reagruparam sob o nome de União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil. Foi aprovada uma nova Constituição e passou-se a planejar para cada biênio a atuação denominacional através de Planos Diretores, que também são elaborados a nível regional. Eram 177 igrejas, distribuídas em 15 regiões administrativas, espalhadas em 12 estados: Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. A distribuição geográfica do trabalho era a mesma de 1941, exceção feita ao Espírito Santo. Para o reagrupamento foi decisiva a atuação dos Revs. Theodoro José dos Santos e Salustiano Pereira César.

A preocupação congregacional em anos recentes com a divulgação mais intensa da mensagem de Cristo ocorreu a partir de 1973 com a ação do Rev. Gerson Ferreira Costa. Foi o primeiro grande despertar de Missões. Deus, no ano seguinte, chamou para Si o Rev. Gerson Costa, mas sua lembrança ficou, inclusive através do chamado “Projeto Gerson Costa”, que levou inúmeros irmãos a atuarem durante suas férias em campos missionários.

Do despertamento de Missões em 1973 chegou-se ao despertamento para a Evangelização em 1976, sempre sob a batuta do Rev. Daniel Gonçalves Lima na presidência da Junta Geral. O êxito da Campanha Nacional de Evangelização em 1976 foi novamente alcançado na II Campanha, em 1978, sob a direção do Rev. Deneci Gonçalves da Rocha. No biênio 1979-1980, novamente sob a presidência do Rev. Daniel Gonçalves Lima, foi dinamizada a III Campanha, que produziu muitos resul-

tados, e a Campanha da Multiplicação de Igrejas, tendo sido realizados, em 1980, diversos Seminários de Igrejas em Multiplicação. A proposta apresentada pelo Departamento de Evangelização objetivava que se passasse, em dez anos, de 200 igrejas e 20.000 congregacionais para 400 igrejas e 80.000 congregacionais e que se estabelecesse igrejas em todos os Estados brasileiros ainda não alcançados. Falavam dez unidades federativas. Em abril de 1981 existiam 201 igrejas, com 20.828 membros. Sem dúvida pode-se afirmar haver sido a década de 1970 a da conscientização do povo congregacional de suas tradições e o despertar para Missões e Evangelização.

Em 1983 a 37ª Assembléia Geral aprovou um plano para instalar novas igrejas em 125 municípios brasileiros, onde não existia a presença congregacional. Cada igreja ou conjunto de igrejas tinha responsabilidade definida. Elaborado pelo Rev. Jair Álvares Pintor, presidente do Departamento de Evangelização, o plano foi, sem dúvida, um dos documentos mais bem elaborados por congregacionais brasileiros em todos os tempos. Muitas igrejas assumiram a execução do plano e diversas novas igrejas surgiram.

Em 1984 foi lançada a “Campanha 1 + 3 - cada congregacional levando três vidas a aceitar Jesus até 1989”. A Campanha foi oficializada em 1985, na 38ª Assembléia Geral.

Na 39ª Assembléia Geral, em 1987, foi aprovada uma nova metodologia missionária. O plano consistia em conceder às igrejas o privilégio e o dever de fazer Missões elas mesmas, envolvendo-se com os campos missionários de forma mais direta. Muitas igrejas ou grupos de igrejas passaram a manter campos missionários, o que enfraqueceu o Departamento de Missões, mas foi assim que os congregacionais chegaram a Mato Grosso do Sul e ao Rio Grande do Norte. Antes, através da ação do Departamento de Missões e por causa do despertamento missionário de 1973 e da “Década da Multiplicação”, os congregacionais haviam chegado a Brasília, Pará, Maranhão, Mato Grosso, Goiás, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Acre, Amazonas e Roraima. Ainda hoje (1992) os congregacionais não chegaram ao Amapá, Piauí, Tocantins e Rondônia.

Na década de 1980 os congregacionais começaram a envolver-se mais intensamente com o trabalho em Portugal, até então limitado à atuação da Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal, que desde 1969 voltou a ser entidade missionária da Igreja Evangélica Fluminense, como o fora de sua fundação, em 1892, a 1932, quando se tornou Departamento de Missões da União. Em 1989 o Rev. Osvaldo Lopes dos Santos e sua esposa, Mirtes, foram enviados pela Igreja Evangélica Congregacional de Camilópolis a Angola, atuando no Seminário Emanuel Unido, ajudando a preparar obreiros para atender às necessidades dos evangélicos em geral e especialmente dos congregacionais, sobretudo porque mais de um milhar de pastores foi executado durante a recente guerra civil angolana. Hoje (1992), além de Portugal e Angola, existem missionários congregacionais enviados à Espanha e à Guiné-Bissau, além do Peru, Bolívia, Venezuela e Paraguai.

A “Década da Multiplicação” ficou comprometida com o agravamento das discussões de caráter doutrinário, que já vinham da década anterior e com os debates quanto à estruturação denominacional. As preocupações com Missões e Evangelismo diminuíram, tornaram-se secundários e o resultado foi que os alvos propostos para a “Década” não foram alcançados. Em termos de número de igrejas o aumento atingiu apenas 31% da meta; em número de membros só se alcançou 18% da meta, e em relação ao número de Estados atingiu-se a 70% do estabelecido.

Em 31 de dezembro de 1990 existiam 262 igrejas arroladas da União. Hoje (1992) são 270. Naquela data o número de membros nas igrejas congregacionais era de 26.634. Havia 157 congregações e 151 pontos de pregação. Eram 291 ministros, 611 presbíteros, 816 diáconos e 148 diaconisas. Nas Escolas Dominicais estavam matriculados 30.953 alunos. No Estado do Rio de Janeiro estão 146 igrejas filiadas e 66% dos membros. Rio de Janeiro, São Paulo, com 32 igrejas, Pernambuco, com 30, Paraíba, com 15 e Bahia, com 10, concentram 88% das igrejas filiadas. Assim, a presença em 14 Estados é apenas simbólica.

2. EDUCAÇÃO TEOLÓGICA É IMPORTANTE

A Assembléia Geral de 1985 valorizou a Educação Teológica e instituiu-a como essencial ao desenvolvimento denominacional. Optou-se por elaborar-se uma filosofia e uma política educacionais voltadas para a realidade denominacional. Por este motivo reestruturaram-se cursos, currículos e programas. Decidiu-se aproveitarem-se as moças como missionárias, como obreiras das igrejas no setor de Educação Cristã e na liderança do trabalho feminino. Tiveram papel saliente nesta área os Revs. Eliazi Souza Xavier, Manoel Bernardino de Santana Filho, Zefanias dos Santos Lima, Armando Torres Vasconcelos e sobretudo Vanderli Lima Carreiro que, com sua esposa, Profa. Alina Carvalho Carreiro, aceitaram em 1981 o desafio de restabelecer o internato do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, após dez anos de desativação. O casal Carreiro tem sido, sem dúvida, um sustentáculo na educação teológica denominacional.

Assim como o Seminário do Rio de Janeiro, o de Recife prosperou muito nesta fase, mas era necessário regionalizar-se a formação teológica. Assim entenderam os pastores da 5ª, 6ª, 7ª, 12ª, 13ª e 14ª Regiões Administrativas, localizadas ao norte da baía da Guanabara. Reuniram-se e em 19 de agosto de 1986 instalaram o Instituto Bíblico Congregacional do Alcântara. Fornecia curso de Educação Cristã em dois anos. O IBECAN funciona na Igreja Evangélica Congregacional do Alcântara, pastoreada pelo Rev. Jorge Marques Ferreira, um dos pilares da idéia. Aprovada a experiência criou-se, em 1990, com 102 alunos, o Seminário Teológico Congregacional do Estado do Rio de Janeiro, com cursos de Bacharel em Teologia e Música Sacra e os inovadores Cursos de Formação Missionária e Liderança Cristã. O SETECERJ funciona na Igreja Evangélica Congregacional do Alcântara.

Durante a presidência do Rev. Amaury de Souza Jardim (1989-1990) criaram-se os anexos do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro em Santo André e na Baixada Santista.

3. OUTRAS VITÓRIAS NA FASE DE CONSOLIDAÇÃO NACIONAL

Durante quase sessenta anos a sede denominacional foi uma sala na Igreja Evangélica Fluminense. A falta de espaço dificultava a atividade da União. Surgiu a idéia de uma sede própria, que se tornou realidade a 15 de maio de 1971, com a contribuição decisiva da antiga Junta Regional Leste Fluminense, que vendeu a sua sede para que a União pudesse ter a sua. A sede foi estabelecida na Rua São Luiz Gonzaga, 1124 e 1132, no bairro carioca de São Cristóvão. Mais tarde adquiriram-se dois terrenos contíguos.

Outra vitória alcançada foi a montagem da Gráfica Congregacional, em 1976, estabelecida nas dependências do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro em Pedra de Guaratiba. O primeiro trabalho produzido foi a Revista da Escola Dominical do 4º trimestre de 1976.

Em algumas ocasiões igrejas ou juntas regionais chegaram a manter programas radiofônicos. Em 1983 a União criou “A Voz Congregacional”, que desde então tem ido ao ar como programa radiofônico oficial dos congregacionais.

No dia 21 de abril de 1990 foi inaugurada a primeira casa-lar do Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba, dentro da nova metodologia de atendimento às crianças desamparadas.

4. COM OS CONGREGACIONAIS DO MUNDO

Em 1986, em Londres, os congregacionais do Brasil, Austrália, Estados Unidos da América, Inglaterra, Irlanda e Portugal organizaram a Fraternidade Evangélica Congregacional Mundial (World Evangelical Congregational Fellowship - WECF). Na ocasião foram filiadas, a pedido, as Uniões da África do Sul, Micronésia e Nova Zelândia. É o Rev. Vanderli Lima Carreiro eleito primeiro vice-presidente da entidade.

De 20 a 25 de setembro de 1989, em Mendes, realizou-se o 2º Encontro da Fraternidade Evangélica Congregacional Mundial. Estiveram presentes as Uniões da Austrália, África do Sul, Brasil, Cana-

dá, Estados Unidos da América, Inglaterra e Gales, Irlanda, Nova Zelândia e Portugal. Foram filiadas as Uniões de Taiwan (China) e Iugoslávia, totalizando doze filiadas. O Rev. Vanderli Lima Carreiro foi reeleito primeiro vice-presidente da entidade.

5. OS DESAFIOS DO FINAL DO MILÊNIO

Mais oito anos apenas nos separam do terceiro milênio. Existe muito a ser feito: a conquista de uma nova sede denominacional, a criação de novos seminários, a implantação do trabalho congregacional no Amapá, Piauí, Tocantins e Rondônia, o crescimento da obra congregacional nos Estados em que o número de igrejas é pequeno e o compromisso moral de atingir-se, em dez anos de atraso, os alvos da “Década da Multiplicação”. Que nossa divisa possa ser o verso do hino 460 de *Salmos e Hinos*: “Ao povo brasileiro levemos nós a luz”.

7

O QUE SE DEVE LER

PARA CONHECER O CONGREGACIONALISMO

Prof. Domingos Pessoa da Silva Oliveira

No ano de 1988 comemorou-se o 75º aniversário de organização da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, que reuniu no distante ano de 1913 as igrejas que haviam surgido em decorrência do esforço direto ou indireto do casal Kalley no Brasil e em Portugal.

1. UNIÃO, IDÉIA DE KALLEY

Foi o próprio Dr. Robert Reid Kalley, em novembro de 1878, que respondendo a uma carta do estudante ao Ministério James Fanstone sobre as suas possíveis relações com idéias darbistas, primeiro expôs a conveniência de existir uma organização que reunisse as igrejas que fundara no Brasil, a Fluminense e a Pernambucana.

O Rev. Kalley ao responder ao futuro Rev. James Fanstone declarou e está registrada nas *Lembranças do Passado*, como citação: “A Igreja Evangélica Pernambucana considera-se FILHA da Igreja Evangélica Fluminense; e convém conservar esse sentimento e estreitar as relações entre as duas igrejas, por meio de correspondência regular com o Pastor, Sr. João Santos, e por quaisquer outros meios. SERÁ CONVENIENTE FORMAR UMA ASSO-CIAÇÃO DAS IGREJAS que aceitam os 28 Artigos da Breve Exposição” (os destaques em letras maiúsculas estão no original).

Talvez fosse oportuno lembrar que os darbistas defendiam a idéia de que irmãos são todos os que crêem em Cristo e no Espírito Santo como seu vigário, mas não têm credo formal, organização eclesial e sacerdócio oficial. Tais idéias, surgidas em Plymouth, por volta de 1830, causaram divisões nas igrejas existentes na Europa, na América do Norte e no Brasil, inclusive na Igreja Fluminense e Pernambucana. Certamente foi para fortalecerem-se na fé e ajudarem-se no momento de tribulação que o Rev. Kalley recomendou que se unissem. Hoje, cento e dez anos passados, continuam a existir os mesmos tipos de problemas, e portanto a sugestão do grande servo do Senhor, que foi o Rev. Kalley, continua válida.

2. A UNIÃO ALCANÇADA

A união das igrejas kalleyanas foi alcançada pela ação e entusiasmo de dois cultos obreiros, os Revs. Francisco Antônio de Souza e Alexandre Telford. Eles consideraram que diante da expansão das igrejas originárias do esforço do casal Kalley no Brasil e em Portugal seria interessante reunir as diversas igrejas para um melhor proveito de seus esforços na extensão do Reino de Deus na terra. A união

formada em 1913 visava, além disto, organizar um Seminário para formar obreiros com a concepção doutrinária seguida pelas igrejas, manter um jornal de divulgação doutrinária e informativo - que veio a ser *O Cristão*, cedido pela família Fernandes Braga, sua proprietária - e auxiliar as igrejas pequenas na manutenção de seus obreiros.

3. OBRAS GERAIS

Por ocasião das comemorações do 70º aniversário da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil surgiram duas obras que se podem rotular como obras de caráter geral. Foram *Congregacionalismo brasileiro - fundamentos históricos e doutrinários*, de autoria do Rev. Manoel da Silveira Porto Filho e *O congregacionalismo no Brasil - fatos e feitos históricos*, obra produzida pelo Rev. Salustiano Pereira César. A primeira obra citada foi escrita por estímulo do Setor de História e Estatística do Departamento de Educação da UIECB, por nós dirigido, e editada pelo Departamento de Imprensa e Publicações da União, em 1983, ano em que também saiu a lume a obra do Rev. Salustiano Pereira César.

Congregacionalismo brasileiro apresenta a origem histórica do congregacionalismo na Inglaterra, sua expansão pela Europa e América do Norte, suas bases doutrinárias e sua forma brasileira. Em apêndice está o texto dos 28 Artigos da *Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo* e um questionário para avaliar a compreensão do livro. As questões para estudo foram elaboradas pelo Rev. Deneci Gonçalves da Rocha, quando se recuperava de violento acidente automobilístico que sofrera na ocasião. No livro em tela o Rev. Porto Filho propôs uma divisão para a história do congregacionalismo brasileiro bastante interessante.

O livro do Rev. Salustiano dedica-se apenas, mas com profundidade, à história do congregacionalismo brasileiro. Propõe uma divisão para ela diferente da apresentada pelo Rev. Porto Filho. Parte significativa do livro é dedicada a posições doutrinárias dos congregacionais brasileiros. No final da obra apresenta a biografia de seis grandes obreiros: Revs. João Manoel Gonçalves dos Santos, Alexandre Telford, Francisco Antônio de Souza, João Clímaco Ximenes, Júlio Leitão de Melo e Ismael da Silva Júnior.

4. OBRAS DOS PRIMEIROS TEMPOS

A mais antiga obra sobre a atividade do Rev. Robert Reid Kalley na Ilha da Madeira e no Brasil, escrita em português, data de 1932. Foi editada por ocasião da realização, no Rio de Janeiro, do Congresso Mundial de Escolas Dominicais e da inauguração de um prédio especialmente construído para abrigar uma Escola Dominical, o Edifício Modelo, hoje denominado Edifício Kalley, onde funciona a Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense e o externato do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro. Trata-se do *Esboço histórico da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense - 1855-1932*, impressa em papel couchê, rica em gravuras. Teve sua tiragem numerada em até três algarismos, isto quer dizer que sua tiragem foi de 999 exemplares. É obra esgotada, que pode ser lida na biblioteca da Igreja Evangélica Fluminense e na de alguns poucos afortunados. O *Esboço histórico* honra a vida do Dr. Kalley, desde sua conversão, sua passagem pela Ilha da Madeira, Estados Unidos da América e Brasil, até seu retorno definitivo à Inglaterra. Apresenta o aparecimento da Escola Dominical no mundo e no Brasil e a evolução da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense até 1932. Na parte final da obra há textos sobre várias igrejas congregacionais, sobre a Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal e outros organismos evangélicos e a biografia de inúmeros pastores líderes da Igreja Evangélica Fluminense.

A mais profunda obra sobre a atuação do casal Robert e Sarah Kalley no Brasil é *Lembranças do Passado*, escrita pelo filho adotivo do casal, o Dr. João Gomes da Rocha. Os originais foram enviados pelo autor, de 1938 a 1945, da Inglaterra, onde vivia, para o Brasil. Vale lembrar que nesta época ocorreu a 2ª Guerra Mundial. Os transportes eram precários por causa dos ataques nazistas e a Inglaterra estava sob bombardeio constante. O primeiro volume, abrangendo o período de 1855 a 1864, foi escrito

em 1941; o segundo, abrangendo a fase de 1865 a 1867, saiu a lume em 1944 e o terceiro, cobrindo de 1868 a 1872, foi publicado em 1946. A pequena vendagem levou a que o quarto volume, correspondendo ao período de 1873 a 1888, fosse publicado primeiro em *O Cristão*, entre os anos de 1951 a 1956. Só em 1957 saiu, em forma de livro, numa tiragem de apenas 100 exemplares. *Lembranças do Passado* está esgotada, mas a Igreja Evangélica Fluminense dispõe de alguns volumes em sua biblioteca.

Interessante pela análise que faz da atuação do Rev. Kalley no Brasil, nos aspectos religioso e secular, é o livro de Èmile G. Leonard, publicado em 1963, intitulado *O protestantismo brasileiro*. Leonard era professor universitário francês reconhecido como especialista em história regional e história do protestantismo, que esteve no Brasil de 1948 a 1950, contratado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Um dos maiores especialistas nas questões de relacionamento entre a Igreja Católica e o Estado no Brasil é o professor Davi Gomes Vieira, Doutor em História e professor da Universidade Nacional de Brasília. O capítulo “Dr. Robert Reid Kalley, o congregacional”, em seu livro *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*, é leitura capital para a compreensão da exata importância da obra do Rev. Kalley no Brasil. Este livro foi publicado em 1980.

A respeito da atuação do Dr. Kalley na Ilha da Madeira, que teve rápidas repercussões posteriores no Brasil, pela experiência que “o Doutor” adquiriu e pelos companheiros que lhe vieram ajudar na evangelização da Terra do Pau Brasil, temos em português alguns livros. O mais antigo foi escrito em 1886, em Rio Claro-RJ, por um dos madeirenses que vieram ajudar o Rev. Kalley no Brasil e depois se tornou presbiteriano. O Rev. João Francisco Dagama produziu *Perseguição aos calvinistas da Madeira*. De mais recentemente temos *Vidas convergentes*, de Eduardo Moreira (Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1958) e *O apóstolo da Madeira*, de Michael P. Testa (Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1963). Ultrapassando a atuação pura e simples na Ilha da Madeira, mas examinando também a vida de Kalley antes da Madeira e depois suas visitas aos refugiados no Caribe e nos Estados Unidos da América, em 1987 o Rev. Manoel da Silveira Porto Filho lançou o primeiro volume de sua obra, em três, *Robert Reid Kalley - o apóstolo em três Continentes - a epopéia da Ilha da Madeira*. A obra contém farta documentação.

5. A MISSÃO EVANGELIZADORA

Os resultados da campanha de evangelização que o evangelista português Henrique Maxwel Wright realizou no Brasil, em 1890, levaram a que os irmãos interessados pela evangelização do Brasil e de Portugal resolvessem fundar uma entidade que viesse a se dedicar a tal mister. Assim, naquele mesmo ano, a 8 de novembro, foi fundada a Sociedade de Evangelização, à qual, mais tarde, foi acrescida a designação “do Rio de Janeiro”. A nova organização, segundo os documentos da época de sua criação, “trabalharia em conexão com a Igreja Evangélica Fluminense, para evangelizar, estendendo o Reino de nosso Senhor Jesus Cristo, auxiliando a pregação do Evangelho nos lugares onde o Dr. Kalley deu princípio e a estabeleceu, estendendo o trabalho nesta cidade e seus arredores, assim como em outros Estados da República brasileira e em Portugal, ilhas e suas possessões. Poderá também auxiliar nas despesas pessoais de membros da Igreja Evangélica Fluminense que, tendo dado provas de que são chamados por Deus para a obra de evangelista, queiram estudar”. Em 1919 a entidade passou a denominar-se Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal. Através dos tempos tem a Missão contribuído grandemente para a divulgação do Evangelho no Brasil afora e em Portugal. A história da Missão é, pois, relevante para os congregacionais. O *Esboço histórico da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense* traz em um dos seus anexos um relato sobre a Missão, que teve, entretanto, no Rev. Ismael da Silva Júnior seu historiador maior. Escreveu ele três volumes de *Notas históricas sobre a Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal*. O primeiro data de 1960 e narra o início do congregacionalismo no Brasil e a história da Missão no século XIX. Em 1961 saíram os volumes 2 e 3, abarcando, respec-

tivamente, os anos de 1901 a 1910 e 1911 a 1920. Os originais de, pelo menos, mais um volume de *Notas históricas* estão em mãos da Igreja Evangélica Fluminense.

6. HISTÓRICOS DE IGREJAS

O *Esboço histórico* já mencionado apresenta a história de várias igrejas congregacionais no Brasil e em Portugal. Em livro temos ainda o histórico das igrejas congregacionais do Estado do Rio de Janeiro e do Vale do Rio São Francisco - *O Evangelho em marcha*. A obra, coordenada pelo Rev. Ismael da Silva Júnior, foi publicada em 1955. Está esgotada, mas pode ser encontrada em bibliotecas denominacionais.

7. BIOGRAFIAS

A parte final do *Esboço histórico* é dedicada à apresentação de biografias de ministros congregacionais, presbíteros, diáconos e alguns outros membros da Igreja Evangélica Fluminense.

Em 1960 apareceu *De Roma para Cristo ou da morte para a vida*, autobiografia do desbravador do Nordeste, Rev. Júlio Leitão de Melo.

Em 1972 surgiram os dois primeiros volumes, até agora únicos, da série *Heróis da fé congregacionais*. O autor, Rev. Ismael da Silva Júnior, na apresentação do primeiro volume, afirma: “Há muito que vínhamos planejando a publicação, em série, de livretos populares, contando NOTAS BIOGRÁFICAS dos primeiros vultos cristãos-congregacionais, que trabalharam em nossa pátria e em Portugal, em conexão com a nossa denominação, hoje União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil. Entendemos que os membros atuais das igrejas dessa União gostariam de conhecer suas vidas. A eles devemos, em grande parte, o que no presente somos. Hoje estamos colhendo os frutos da farta sementeira que fizeram, no passado”. O primeiro volume foi dedicado ao Dr. Robert Reid Kalley e D. Sarah Poulton Kalley e o segundo ao Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos e D. Filomena Araújo dos Santos.

Mais recentemente, em 1987, o Rev. Josué Alves de Oliveira brindou os congregacionais com sua autobiografia ministerial, a qual denominou de *Vocação e projeção*. Esta obra, como outras não esgotadas, são encontradas para aquisição na Igreja Evangélica Fluminense e na Junta Geral da UIECB.

8. ANÁLISE HISTÓRICA

Embora de forma muito breve, Èmile G. Leonard, na obra citada anteriormente, faz uma interessante análise histórica sobre o congregacionalismo brasileiro, a qual merece meditação.

9. A HINOLOGIA

Uma das maiores contribuições do congregacionalismo brasileiro para o movimento evangélico em língua portuguesa é, sem dúvida, a coleção *Salmos e Hinos*. Reconhecido como patrimônio dos congregacionais brasileiros, que têm a obrigação espiritual de preservar *Salmos e Hinos*, o hinário iniciado pelo casal Kalley, após ser usado por todas as denominações evangélicas, serviu de base para os hinários das mesmas, quando cada uma foi produzindo o seu próprio livro de cânticos. *Salmos e Hinos* tem sido o instrumento de conversão e de edificação espiritual de milhões de pessoas de fala portuguesa através do mundo. Ao ensejo do 120º aniversário de *Salmos e Hinos* o Setor de História e Estatística da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil convidou a maestrina Profa. Henriqueta Rosa Fernandes Braga, uma das maiores autoridades em matéria de música sacra do mundo, a escrever sobre *Salmos e Hinos*, coletânea a que tanto se dedicara, inclusive participando de sua última revisão. Artigos sobre *Salmos e Hinos*, da lavra da catedrática de História da Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro saíram em *O Cristão* de maio de 1981 a maio de 1982. Foram em 1983 enfeixados

no livro *Salmos e Hinos: sua origem e desenvolvimento*, em edição que, ao sair, não mais encontrou em vida a irmã Henriqueta, chamada a estar com o seu Senhor e Salvador a 21 de junho de 1983.

Henriqueta Rosa Fernandes Braga escreveu oito livros. Sua obra mais importante apareceu em 1961: *Música Sacra Evangélica no Brasil (contribuição à sua história)*, e dedica um capítulo aos congregacionais. Em diversos outros capítulos há menções à significativa contribuição do congregacionalismo brasileiro à hinologia em língua portuguesa. Henriqueta Rosa Fernandes Braga foi membro por 50 anos da Igreja Evangélica Fluminense.

10. BASES DOUTRINÁRIAS

Além dos já citados *Congregacionalismo brasileiro; fundamentos históricos e doutrinários* e *O congregacionalismo no Brasil* é fundamental a leitura do livro escrito pelo Rev. Ismael da Silva Júnior, *Notas sobre a Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo*. Obra esgotada, teve duas edições, a primeira em 1948 e a segunda em 1962. Cada um dos vinte e oito artigos é analisado nesta obra de forma minuciosa. Há também no livro um histórico sobre a Breve Exposição e pequenos estudos sobre alguns grupos religiosos.

11. PERIÓDICOS

Para conhecer a história do congregacionalismo brasileiro é essencial a leitura de *O Cristão*, o mais antigo jornal evangélico com o mesmo nome. Aparecido a 20 de janeiro de 1892, tem retratado, desde então, a evolução dos congregacionais no Brasil e em Portugal. Existem coleções na Biblioteca da Igreja Evangélica Fluminense e nos arquivos da Junta Geral da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil.

Importante também é a leitura de *O Exemplo*, jornal da mocidade congregacional, fundado em 12 de abril de 1945, pelo Rev. Salustiano Pereira César, e que a partir de janeiro de 1951 tornou-se revista. Da mesma forma faz-se necessária a leitura de *Vida Cristã*, revista da mulher congregacional, aparecida a 20 de outubro de 1953, para conhecer a contribuição deste segmento denominacional, e do *Brasil Congregacional*, periódico publicado na década de 1960. *O Exemplo Juvenil*, editado em 1950; *O Varonil*, jornal dos homens congregacionais, surgido em 1983, *COUAConta*, órgão dos adolescentes congregacionais, cujo primeiro número data de janeiro de 1985, assim como *O Bíblia*, que circulou de setembro de 1890 a dezembro de 1891, são periódicos que merecem ser consultados, sem esquecer o *Norte Cristão*, órgão das Igrejas Cristãs Evangélicas do governo congregacional, publicado em Caruaru e Garanhuns, no Estado de Pernambuco. Dentre os boletins de igrejas fornecem grande quantidade de informações o Boletim Dominical da Igreja Evangélica Fluminense, cujo primeiro número data de 7 de dezembro de 1924 e *O Resplendor*, que circulou pela primeira vez a 17 de setembro de 1972, da Igreja Evangélica Congregacional de Alcântara, em São Gonçalo - RJ.

Vale também consultar alguns números da Revista da Escola Dominical: o referente ao 3º trimestre de 1965 apresenta a história do congregacionalismo brasileiro; os referentes aos 2º e 3º trimestres de 1966 contêm lições sobre os 28 Artigos da *Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo* e o referente ao 3º trimestre de 1968 apresenta fundamentos históricos e doutrinários do congregacionalismo.

12. O QUE HÁ PARA PUBLICAR

Há notícias da existência de originais do quarto volume de Notas Históricas da Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal; do segundo volume e parte do terceiro de Robert Reid Kalley - apóstolo em três continentes; de parte do Manual para Salmos e Hinos com músicas sacras, da autoria de Henriqueta Rosa Fernandes Braga, e da tese de Mestrado da irmã Joyce Elizabeth Winifred Every-Clayton: "O Congregacionalismo em Pernambuco de 1873 a 1930 e as perseguições católico-romanas".

13. O QUE HÁ A FAZER

Em primeiro lugar dar graças a Deus pela vida dos milhares de seus filhos que fizeram a história do congregacionalismo brasileiro com fé, destemor, sangue e até com a própria vida. Em segundo lugar, com a visão posta naqueles que nos antecederam, pegar firme no arado, semear a preciosa semente e lutar pela colheita, fazendo a história do congregacionalismo hoje.

“Não removas os marcos antigos que puseram teus pais” (Pv 22.28) é outra tarefa a fazer. Isto significa conhecer o passado, valorizá-lo e preservá-lo. Significa ensiná-lo às novas gerações. Significa reconhecer o que fizeram e como fizeram os primeiros congregacionais e preservar o legado, inclusive a documentação e demais fontes históricas existentes em nossas igrejas.

Esforçarmo-nos por publicar os textos históricos cujos originais já estão prontos deve ser outra meta a ser atingida.

Produzir biografias de nossos grandes líderes ao estilo de *Heróis da fé congregacionais*, históricos de igrejas - isto cabe a cada uma - e uma história geral do congregacionalismo brasileiro, ao mesmo tempo sintética e analítica, devem ser propósitos para fins do segundo milênio.

- FIM -